

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**ARLETH FRANÇA BOONE ROCHA**

**A TÉCNICA DO BALÉ CLÁSSICO E SUAS POSSIBILIDADES DE  
ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS**

VITÓRIA,  
2019

ARLETH FRANÇA BOONE ROCHA

**A TÉCNICA DO BALÉ CLÁSSICO E SUAS POSSIBILIDADES DE  
ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação Física e Desporto da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção de grau de licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Figueiredo de Andrade Filho

Vitória,  
2019

ARLETH FRANÇA BOONE ROCHA

**A TÉCNICA DO BALÉ CLÁSSICO E SUAS POSSIBILIDADES DE  
ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação Física e Desporto da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção de grau de licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Figueiredo de Andrade Filho

Aprovado em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**Comissão Examinadora**

---

Prof. Dr. Nelson Figueiredo de Andrade Filho  
(CEFD/UFES – Orientador)

---

Prof. <sup>a</sup> Me. Rosely Maria da Silva Pires  
(Coorientadora CEFD/UFES)

---

Prof. <sup>a</sup> Rosemery Casoli  
(Mestranda PPGA/UFES)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pelo dom da vida, pelo sustento que todos os dias se renovam e por todas as bênçãos derramadas.

À arte da dança por transformar minha vida e alimentar minha alma todos os dias.

Agradeço aos meus avós por terem me dado tanto suporte, sem eles meus maiores sonhos não teriam sido realizados.

À minha mãe e irmã por permanecerem mulheres firmes ao meu lado, compartilhando do amor e de muitas alegrias alcançadas.

Agradeço ao meu tio, por ser um artista tão brilhante e minha referência nessa arte que é viver.

Aos meus amigos Beto e Ingridi, que me incentivam, me acolhem, aconselham e tenho o prazer de compartilhar os melhores momentos da vida.

À minha Família Vida e Paz e ao ministério de dança, pelo amor e cuidado.

Ao FORDAN por te me acolhido e me proporcionar a base para esse diálogo tão importante.

Aos meus professores Rosely e Nelson, que foram fundamentais para a elaboração desse trabalho.

Às minhas colegas de formação Bhea, Ane, Nati e Paloma pela contribuição e apoios nesses anos de graduação.

"É dever do artista refletir seu tempo."

Nina Simone (1933-2003)

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo discutir as possibilidades de enfrentamento às violências através das técnicas do balé clássico, problematizar como suas transformações contribuíram para a acessibilidade da modalidade e apresentou as experiências da minha trajetória como bailarina e professora das crianças do Projeto FORDAN: cultura no enfrentamento às violências, que atua na comunidade periférica de São Pedro em Vitória. O método utilizado foi a pesquisa-intervenção, onde as pesquisas participativas são investigadas nas práticas do cotidiano. Assim, de acordo com GINZBURG (2003), trabalhamos com o paradigma indiciário para perceber pistas indícios e sinais da realidade dos jovens, para então construirmos uma pesquisa que dialoga com sua realidade. A pesquisa foi realizada durante três anos com quatro turmas de balé clássico, que atendeu crianças e adolescentes até os 15 anos de idade. Dialogando com Minayo, Souza, Travi, Pereira e outros autores, foi possível a problematização das dificuldades enfrentadas pelos bailarinos negros e pobres da periferia a encontrarem seu lugar e permanecerem no mundo da dança, como também a influência da dança clássica visando o fortalecimento frente as violências.

Palavras-chave: balé clássico, violência, periferia, bailarinos.

## **ABSTRACT**

This paper aimed to discuss the possibilities of coping with violence through classical ballet techniques, discuss how their transformations contributed to the accessibility of the modality and presented the experiences of my career as a dancer and teacher of the FORDAN Project children: culture in the confrontation with the violence that acts in the peripheral community of São Pedro in Vitória. The method used was intervention research, where participatory research is investigated in everyday practices, so according to GINZBURG (2003), we work with the indicative paradigm to perceive clues and signs of the reality of young people, so that we can build a research what a dialogue with your reality. The research was conducted over three years with four classic ballet classes, which attended children and adolescents up to 15 years of age. Dialoguing with Minayo, Souza, Travi, Pereira and other authors, it was possible to problematize the difficulties faced by black and poor dancers from the periphery to find their place and remain in the dance world, as well as the influence of classical dance for the strengthening in face of violence.

Keywords: classical ballet, violence, periphery, dancers.

## RESUMEN

Este documento tuvo como objetivo analizar las posibilidades de hacer frente a la violencia a través de las técnicas de ballet clásico, analizar cómo sus transformaciones contribuyeron a la accesibilidad de la modalidad y presentar las experiencias de mi carrera como bailarín y maestro de los niños del Proyecto FORDAN: cultura en la lucha contra la violencia, que opera en la comunidad periférica de São Pedro en Vitória. El método utilizado fue la investigación de intervención, donde la investigación participativa se investiga en las prácticas cotidianas, por lo que según GINZBURG (2003), trabajamos con el paradigma indicativo para percibir pistas y signos de la realidad de los jóvenes, de modo que podamos construir una investigación. Qué diálogo con tu realidad. La investigación se realizó durante tres años con cuatro clases de ballet clásico, que asistieron a niños y adolescentes de hasta 15 años. Al dialogar con Minayo, Souza, Travi, Pereira y otros autores, fue posible problematizar las dificultades que enfrentan los bailarines negros y pobres de la periferia para encontrar su lugar y permanecer en el mundo de la danza, así como la influencia de la danza clásica para el fortalecimiento frente a ellos. violencia

Palabras clave: ballet clásico, violencia, periferia, bailarines.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	10
1.2 PROBLEMA DA PESQUISA.....	11
1.3 OBJETIVOS.....	11
1.4 METODOLOGIA.....	11
<b>2. O BALÉ NO ENFRENTAMENTO AS VIOLÊNCIAS: MEMORIAL DE UMA BAILARINA DA PERIFERIA.....</b>	<b>12</b>
<b>3. O BALÉ CLÁSSICO.....</b>	<b>18</b>
<b>4. VIOLÊNCIAS CONTRA CRIANÇA.....</b>	<b>20</b>
<b>5. PESQUISA DE CAMPO: A EXPERIENCIA NO PROJETO DE EXTENSÃO FORDAN: CULTURA NO ENFRENTAMENTO AS VIOLENCIAS.....</b>	<b>21</b>
5.1 PROJETO CURSO TÉCNICO DE DANÇA.....	21
5.2 PROJETO “LA FILLÉ MAL GARDEÉ” .....	24
5.3 PROJETO “OS PASSOS DO BALÉ CLÁSSICO” .....	27
<b>6. CONCLUSÃO.....</b>	<b>29</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>
<b>8. ANEXOS.....</b>	<b>32</b>

## 1. INTRODUÇÃO:

A violência é um fenômeno histórico, presente na sociedade desde a antiguidade. Seus atos traumáticos implicam em consequências a saúde física e psicológica, e em aspectos sociais e culturais dos indivíduos que sofrem violência.

Segundo a definição proposta por MINAYO e SOUZA (1997/1998):

“A violência consiste em ações humanas de indivíduos, grupos, classes, nações que ocasionam a morte de outros seres humanos ou que afetam a sua integridade física, mental ou espiritual.” (pág. 513).

Ano após ano, os índices de violências se mantem alto, considerando uma faixa etária específica, crianças e adolescentes. Segundo um levantamento do Ministério dos Direitos Humanos realizado em 2018, cerca de 84.049 denúncias de violação contra meninos e meninas foram realizadas no ano de 2017. E ainda, nesse mesmo ano, pelo menos 130 mil crianças foram negligenciadas, violentadas psicologicamente e abusadas sexualmente. <sup>1</sup>

### 1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

Com isso, a preocupação em como contribuir positivamente para a formação humana de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, nos leva a pensar propostas de intervenções através da cultura, neste caso a dança.

A pesquisa tem como ponto de partida o projeto de extensão da Universidade Federal do Espírito Santo, intitulado FORDAN: cultura no enfrentamento às violências. Localizado na periferia de São Pedro na cidade de Vitória, o projeto se desenvolve há 15 anos, sob direção da professora Rosely Silva Pires. Atuando na problematização das violências e expandindo possibilidades de potencialização do sujeito, contamos com quatro núcleos: núcleo cultural e pedagógico, núcleo terapêutico, sócio jurídico, e núcleo de empreendedorismo para dar assistência e atender a pessoas dessa comunidade.

---

<sup>1</sup> <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/05/12/interna-brasil.680167/criancas-e-adolescentes-sao-as-principais-vitimas-de-agressao-no-pais.shtml> acesso em outubro/2019

Este trabalho foi realizado durante o período de três anos (2017-2019), a partir das oficinas de balé clássico, oferecidas a crianças de 4 a 10 anos em três turmas, duas delas às terças feiras no turno vespertino e uma às quintas feiras no noturno.

Para cada ano foi proposto um planejamento, encerrando o ano letivo com apresentações das turmas.

## 1.2 PROBLEMA DA PESQUISA

Segundo TRAVI (2012, p.19 e 20) o contexto social de um indivíduo determina a sua forma de ver o mundo. Para a autora, ampliar os conhecimentos no âmbito cultural influenciam para o desenvolvimento da personalidade e caráter do sujeito.

Como problema buscamos entender o contexto social da periferia que vivem as crianças das aulas de balé, e como a dança e suas possibilidades agregam para a formação da identidade do indivíduo.

## 1.3 OBJETIVOS

O trabalho tem como objetivos: analisar a importância do balé clássico no enfrentamento às violências; problematizar como suas transformações ao longo do tempo contribuíram para uma nova concepção de corpo na dança, e apresentar uma experiência de acessibilidade à modalidade em que as práticas do balé dialogam e fazem o enfrentamento à problemas sociais.

## 1.4 METODOLOGIA

A metodologia que utilizamos foi a pesquisa-intervenção, que consiste em pesquisas participativas onde são investigadas coletividades na sua diversidade qualitativa. (Aguiar, 2003; Rocha, 1996, 2001). Segundo os autores:

"Na pesquisa-intervenção, a relação pesquisador/objeto pesquisado é dinâmica e determinará os próprios caminhos da pesquisa, sendo uma produção do grupo envolvido. Pesquisa é, assim, ação, construção, transformação coletiva, análise das forças sócio históricas e políticas que atuam nas situações e das próprias implicações, inclusive dos referenciais de análise. É um modo de intervenção, na medida em que recorta o cotidiano em suas tarefas, em sua

funcionalidade, em sua pragmática - variáveis imprescindíveis à manutenção do campo de trabalho que se configura como eficiente e produtivo no paradigma do mundo moderno" (Aguiar e Rocha, 1997:97).

Essa metodologia permite uma relação dialética entre pesquisador e sujeito de pesquisa, teoria e prática, onde a pesquisa e intervenção constantemente é reelaborada a partir das demandas sociais. Para a observação desses sujeitos e da realidade política, social e histórica que produz violência cotidianamente produzindo exclusões e traumas inconscientes. Trabalhamos com o paradigma indiciário de Ginzburg que nos ajuda a perceber as pistas indícios e sinais da realidade: “Ambos (venatório e implícito) pressupõe o minucioso reconhecimento de uma realidade talvez ínfima, para descobrir pistas de eventos não diretamente experimentáveis pelo observador” (GINZBURG. 2003, p.152, 153), esse reconhecimento das pistas permite ao pesquisador um entendimento da realidade em questão e até mesmo a percepção de fatos que podem acontecer ou foram esquecidos. Por meio do método indiciário utilizamos as linguagens e técnicas e os conhecimentos da dança observando possíveis problemáticas. Com a metodologia da pesquisa-intervenção fomos propondo experiência para a reflexão sobre os processos de violência. O que nos levou a identificá-los, problematizá-los e fazer o enfrentamento.

## **2. O BALÉ NO ENFRENTAMENTO AS VIOLÊNCIAS: MEMORIAL DE UMA BAILARINA DA PERIFERIA**

Considero importante contar um pouco da minha trajetória na dança, esse caminho me possibilitou a redescoberta de mim enquanto mulher negra e bailarina, e contribuiu para minha formação profissional e humana. Contribuindo também para um olhar atento e acolhedor às crianças do projeto de extensão da UFES, FORDAN: cultura no enfrentamento as violências.

Separada do meu pai, minha mãe criou a mim e a minha irmã com a ajuda dos meus avós, na comunidade do Aribiri em Vila Velha, cresci e pude criar laços de amizade na escola e na igreja onde congrego até hoje. Apesar desses espaços onde eu tinha convívio social,

era uma menina muito tímida, tinha dificuldades em falar com as pessoas, me expressar e até mesmo interagir com outras crianças<sup>2</sup>.

Sob influência do meu tio que é ator, sempre fui apaixonada pelas artes em geral. Em casa eu recebia estímulos lendo, vendo filmes e vendo meu tio ensaiar para suas peças, logo tomei gosto pelas manifestações artísticas. Lembro-me da primeira vez em que ele participou atuando num espetáculo de dança e convidou minha família para assistir à apresentação, a partir daquele dia minha vida mudou completamente, decidi que queria ser bailarina. Neste momento me defrontei com barreiras que de início dificultariam a realização desse sonho. Começou então a busca pela escola de balé em que os custos com mensalidade e as demais despesas fossem acessíveis a condição financeira de minha família. Essa é a primeira questão de enfrentamento que gostaria de discutir, sendo que, o balé clássico é uma modalidade ainda muito elitizada, suas escolas e academias estão localizadas muitas delas em bairros nobres, o que restringe seu público. Somente de uns anos pra cá vemos em creches e escolas de nível básico a disposição dessa modalidade como atividade extracurricular, assim como em projetos sociais nos bairros mais carentes.

Minha família toma conhecimento da até então Escola de Teatro, Dança e Música FAFI (hoje Escola Técnica de Teatro, Dança e Música FAFI), situada na cidade de Vitória. Através de uma prova prática, onde foram tiradas minhas medidas, testado meu nível de desenvolvimento motor, flexibilidade e coordenação, ingressei na escola. Os esforços foram todos os possíveis para que eu pudesse estudar na escola, que embora o ensino fosse gratuito, eu teria que me deslocar de uma cidade a outra. Meu avô sempre me ajudou com a passagem, onde todos os dias eu e minha vó tomávamos o ônibus e íamos em rumo as aulas de balé.

Nos primeiros anos de estudos, meu desenvolvimento deu um salto, eu passei a ter mais consciência do meu corpo e das ações que ele poderia realizar, como também meu desenvolvimento interpessoal. Como tinha que conciliar o estudo secular com os estudos

---

<sup>2</sup> Em 2015, das 10,3 milhões de crianças brasileiras com menos de 4 anos, 83,6% (8,6 milhões) tinham como primeira responsável uma mulher (mãe, mãe de criação ou madrasta). É o que aponta o *Suplemento Aspectos dos cuidados das crianças de menos de 4 anos de idade*, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2015. <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-03/ibge-mulher-%C3%A9-principal-responsavel-pela-crianca-no-domicilio>. Acesso em 26/11/2019.

da dança, me tornei muito compromissada e adquiri certas responsabilidades. No currículo da escola de dança tive a oportunidade de vivenciar disciplinas como desenvolvimento corporal, musicalização, dança moderna, dança contemporânea, capoeira, danças urbanas, danças folclóricas e é claro o balé clássico. Com isso, nos preparávamos para muitas apresentações internas, trabalhos em grupo e até mesmo para um grande público, a partir dessas experiências pude encontrar na dança a melhor forma que eu consegui de me expressar e me sentir importante como criança e bailarina. Passeia construir mais relações e diálogos com as pessoas e a criar mais, ainda com muitas restrições.

Senti que a coisa estava ficando séria quando quase ao final do curso básico, participamos de um festival e fomos selecionadas para uma viagem a São Paulo. Mais uma dificuldade a ser discutida, as tamanhas exigências e disponibilidades de recursos que o balé clássico apresenta. Manter-se uniformizado para as aulas requer que a bailarina tenha collants, meia calça, sapatilhas de ponta e meia ponta, além dos acessórios para o cabelo e figurinos. Esse arsenal de vestimentas e a sua manutenção requer um alto custo de investimento, que na maioria das vezes as crianças pobres da periferia não conseguem ter acesso. Consequentemente arcar com custos de uma viagem a outro estado seria novamente uma tarefa que minha mãe e meus avós faziam ao longo de muitos anos.

PEREIRA (2018), a partir de contos e depoimentos de escritoras negras, aponta as dificuldades que bailarinas negras encontram para garantir sua permanência no mundo da dança. Em um dos contos retrata a vida de Rose Dusreis, única bailarina negra de todas as companhias a qual dançou. Em sua trajetória, desde a infância Rose enfrentou problemas econômicos, onde ofereceu os serviços de lavadeira da mãe para pagar suas aulas de balé, mas foi recusada pois não tinha o “tipo físico” ideal. Em sua escola foi escolhida para representar uma boneca negra que após alguns ensaios foi substituída por uma menina branca que se pintou de preto, o que conhecemos por blackfaces.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> No século 19, negros não podiam participar de peças teatrais e seus personagens eram representados por pessoas brancas que pintavam os rostos de carvão e passavam batom vermelho de forma esdrúxula. Foi assim que surgiu a expressão “blackfaces”. <https://www.estudopratico.com.br/o-que-e-blackface-e-por-que-nos-dias-de-hoje-e-considerada-uma-atitude-racista/> acesso em novembro de 2019

Depois de 8 anos estudando nessa escola pública, aos 16 anos de idade concluí o curso de Qualificação em Dança Clássica. No mesmo ano em 2013, para não desistir do sonho de ser bailarina, consegui uma bolsa em uma escola privada, situada num bairro nobre de Vila Velha, com alunos das mais diversas realidades sociais. Nessa escola pude estar perto de uma realidade que desconhecia, a máquina de competições que é o balé clássico. Em minha adaptação na escola, eu fazia duas aulas por dia, uma com uma turma para o meu nível e outra com a turma avançada. Nesse período, sofri uma intolerância por parte das meninas do avançado pois elas se sentiram ameaçadas por eu já ter entrado na turma e de uma certa forma ter ganhado os olhares dos professores.

Me deparei com dois aspectos do balé clássico que nunca tinha vivido, a exacerbada competição entre os bailarinos e a compreensão de como as minhas condições de corpo me favoreciam nesse meio. Vamos ao primeiro, no qual você enquanto bailarino profissional, que compete e faz apresentações, está sujeito a ganhar destaque com solos, duos ou trios. A busca desenfreada por aprimorar a técnica e conseguir colocação em competições ou papéis especiais nas coreografias se torna o foco de todo bailarino, com isso comportamentos inconscientes aparecem. Por diversas vezes passei por situações em que fui insultada com palavras e ações por parte das meninas, que se sentiram ameaçadas por eu ter acabado de chegar na escola e “tomar” o lugar delas. Para enfrentar essas dificuldades eu compreendi que o meu corpo me favorecia no balé. Uma pesquisa realizada por SIGNINI (2010) enfatiza que o número de mulheres no ballet é de 70% acima dos homens, com isso o mercado de trabalho para elas é mais competitivo, o que gera uma competição intensa entre bailarinas por espaços nas escolas e companhias de dança.

Ainda hoje o balé clássico carrega suas tradições marcadas pela competição, e a disciplina e regras rígidas, principalmente a noção de corpo se mantém o ideal de corpo magro, longilíneo, típico dos europeus, passam a ser objetos quase de obsessão entre as bailarinas. MOURA (2001) destaca:

(...) um corpo que corresponda ao estereótipo de bailarina romântica europeia do século XIX: que seja uma sílfide ou uma fada mesmo quando não anda nas pontas. Que seja leve, graciosa, magra e longilínea. E que essa menina mantenha a aparência jovem pelo tempo que for possível. E que - caso o destino ou o

código genético não a tenham equipado para tal - tenha suficiente disciplina e determinação para mudarem o que for preciso a fim de encaixarem no modelo, a qualquer custo” (p.18).

A partir dessa afirmação, por um lado eu tinha uma certa “vantagem”, pois para a estética de beleza exigida pelo balé estava dentro desses parâmetros, ser magra e longilínea.

Em compensação a minha pele negra e meu cabelo crespo me privaram de algumas realizações e assim como a maioria dos bailarinos negros no Brasil e no mundo enfrentamos situações que nos forçam a nos moldarmos a esses paradigmas. SILVA 2017, retrata em sua tese um episódio ocorrido com uma bailarina:

“Certa feita, uma bailarina profissional, membro de uma das companhias de dança para a qual ministrei a proposta Corpo em Diáspora, comentando sobre sua experiência durante o processo de formação em dança baseado no balé clássico, relatou que havia uma professora de balé com a qual teve aulas durante muitos meses e que, em um dado momento, sentiu necessidade de perguntar à professora qual seria o caminho corporal para que sua quinta posição chegasse “naquele” lugar de perfeição desejado. Ironicamente a professora respondeu: “Com esse tamanho de coxa, você nunca vai fechar uma quinta” SILVA (2017, p. 147)

Um exemplo prático são as meias calças e as sapatilhas que são usadas durante as aulas e apresentações e os coques. A meia calça e sapatilha rosa, foram idealizadas dessa cor para que pudessem parecer com a cor da pele das bailarinas, como já citado anteriormente, as transformações que o balé vem sofrendo ao longo dos anos e a sua fusão com outros estilos gerou um novo estilo, o balé neoclássico. Esse estilo de dança permite a liberdade dos bailarinos ao movimentar-se, possibilitando as mais variadas propostas coreográficas, elaborações de figurinos e etc. Com essa nova concepção, as bailarinas passaram a não utilizar meias para dançar, somente as sapatilhas de ponta. Uma barreira é encontrada, sapatilhas rosas em peles negras não são esteticamente bonitas, forçando as bailarinas a terem que pintar suas sapatilhas. Nunca se encontrou sapatilhas que fossem da nossa cor, desde que comecei a dançar profissionalmente pinto minhas sapatilhas com base para rosto ou tinta de tecido. Somente nesse ano de 2019, séculos depois da criação do balé,



uma marca de sapatilha lança o calçado em três tons além da rosa, apesar de um pouco cara e inacessível para muitas pessoas, isso já foi um grande avanço.



(Na primeira imagem minha sapatilha pintada com base e na segunda as sapatilhas desenvolvidas por uma marca americana.)

Superado um pouco do preconceito com as sapatilhas, o cabelo crespo ainda é um tabu na dança. Em todos os lugares o preconceito com o cabelo encontrado, a imposição por torná-los como o padrão da beleza dita precisa ser enfrentada, na dança clássica, é indicável que o cabelo esteja com o penteado de coque, para além da tradição e disciplina, é uma questão de praticidade e funcionalidade, estando solto o cabelo atrapalha na execução dos movimentos atrapalhando os saltos e giros e causando desconfortos pela possibilidade de passar pelo rosto, outra lógica é a de estética, deixando o colo e o pescoço da bailarina a mostra. Tive o desprazer de um dia presenciar um professor de balé pedindo para que seu aluno alisasse o cabelo ou prendesse, pois nunca estaria com o cabelo “alto” daquele jeito. O menino ficou bastante envergonhado e logo em seguida começamos um diálogo em que eu lhe disse que durante muito tempo nós nos moldamos as exigências dessa modalidade, ficamos engessados e esquecemos nossa identidade e que o cabelo dele poderia estar sim preso, mas não aprisionado. GOMES (2002, p. 45) apresenta dados sobre o sofrimento de crianças em espaços educativos gerados pela rejeição ao corpo negro.

Afirma a autora, “Uma coisa é nascer criança negra, ter cabelo crespo e viver dentro da comunidade negra; outra coisa é ser criança negra, ter cabelo crespo e estar entre brancos”.

No ano de 2016 tirei meu registro profissional de bailarina clássica e comecei a dar aulas de balé em academias de Vila Velha. Nesse mesmo ano pude realizar um grande sonho que parecia ser tão distante para mim, mas que estava prestes a acontecer. Através de uma competição em que eu e meu amigo participamos em Cabo Frio, a diretora do YAGP Brasil (seletiva brasileira para a final do Grand Prix em NY) nos convida para ir a São Paulo participar dessa seletiva. O que chamou a atenção dos jurados foi justamente o nosso físico, que era o que eles desejavam. Depois de sete meses de preparação e com a ajuda financeira dos nossos amigos e familiares, finalmente embarcamos para NY. Chegando lá faríamos uma aula avaliativa para tentar bolsas nas principais escolas de balé do mundo, para isso marcamos algumas numa ficha a escola que mais nos identificamos, tornando o processo da avaliação mais prático. Uma amiga me alertou que dentre as 50 escolas, apenas um pouco mais de 10 aceitavam pessoas negras. Foi a primeira vez que senti tão diretamente o racismo na dança, que me fechou as portas para muitas oportunidades. A maioria das grandes companhias de ballet do mundo não possui bailarinas negras com primeira bailarina.<sup>4</sup>

Voltei de lá com meus pensamentos mais fortalecidos, ressignifiquei muitos objetivos e tracei novos, consegui contextualizar minha dança à minha vida, adquiri conhecimentos em diversos segmentos na dança e pude compartilhar com várias pessoas e culturas. Tornei-me mais comunicativa, passei a liderar um ministério de dança em minha igreja, o que me ajudou a colaborar mais com as pessoas, a ter responsabilidades e agora como professora e coreógrafa compreender minha prática e como ela está corroborando para a aprendizagem dos meus alunos e das pessoas que me cercam.

---

<sup>4</sup> As grandes companhias de ballet, como a Escola Bolshoi e a Vaganova Academy (Rússia) e a The Royal Academy (Reino Unido), não possuem nenhuma bailarina principal negra. Nos balés de repertório que já foram gravados DVD's, nenhuma das bailarinas em destaque foge do padrão corporal europeu pré-estabelecido. “As companhias de ballet profissionais hoje ainda são de maioria branca. Uma criança negra bailarina não se vê lá na frente como uma imagem a se inspirar e sonhar em ser. <http://www.agenciadenoticias.uniceub.br/da-sapatilha-a-pele-bailarinas-negras-reclamam-de-racismo/>, acessado em 26/11/219

Ao ingressar no curso de Educação Física na UFES, após ter concluído as disciplinas de dança, passei a compor a equipe multidisciplinar do FORDAN, que contribuiu para que eu estivesse consciente que esses enfrentamentos são fundamentais para nos garantir o direito de ocupar todos os espaços e sermos quem desejamos. Minha atuação como professora me possibilitou pensar o balé de outra maneira, como essa prática pode ser inclusiva e como as particularidades de cada alunos poderiam se tornar uma potência nessa arte de dançar.

### 3. O BALÉ CLÁSSICO

O balé clássico é uma modalidade da dança que há séculos é praticada e reconhecida como forma de arte. Surgiu no séc. XV nas cortes da Itália para comemorar o casamento do Duque de Milão com Isabel de Árgon. Sua ascensão só ocorreu dois séculos depois na França, e se deu pelo fato do Rei Luís XIV (1754-1793) ser um amante da dança clássica e estrear como bailarino em um espetáculo, sob a orientação de Charles Louis Pierre de Beauchamps. A partir de então surge a necessidade do aperfeiçoamento dessa dança e em 1661, o rei Luís XIV fundava a Academia Real de Ballet e a Academia Real de Música.

5

Ossona (1988, p.73) comenta que o balé clássico assumiu uma característica de espetáculo dançante, onde a corte pagava pelos ingressos para assistir aos espetáculos no teatro, seguindo assim até os dias de hoje. Nesse sentido as apresentações, além de serem um entretenimento para a elite, somente essa classe mais favorecida tinha acesso a essa dança.

À medida em que o balé clássico foi se popularizando e as escolas foram desenvolvendo suas técnicas, um código foi criado para marcar as características dessa modalidade. De acordo com MOURA (2001), com forte influência do romantismo a figura da mulher passa a ser valorizada, os balés clássicos de repertório (espetáculos que mantem padrão de coreografias e músicas até os dias atuais) contam histórias de personagens que fogem totalmente da realidade como fadas, seres mágicos, além de fatos que eram descontextualizados para a época. Com isso, a figura das bailarinas se destaca pela leveza,

---

<sup>5</sup> <https://www.docsity.com/pt/a-historia-do-ballet-classico-1/4738336/> acesso em novembro/2019

precisão e força. Dessa forma podemos evidenciar outras características como, a disciplina e foco como caminho para alcançar movimentos precisos e perfeitos, um corpo que te permite executar as exigências dos métodos e ainda um conjunto de tradições que perpassam os tempos.

Segundo MOURA (2001), no Brasil, o balé clássico se destaca a partir de 1913, quando companhias da Rússia chegam ao país e alguns de seus integrantes permanecem para introduzir técnicas. Nos dias atuais sua popularidade é bem notória, encontramos uma grande quantidade de escolas que proporcionam essa prática em vários níveis para as mais diversas idades. As principais escolas brasileiras de dança como a Escola de Teatro Bolshoi no Brasil, situada em Joinville – SC e Escola Estadual de Dança Maria Olenewa no Rio de Janeiro.

A procura pela prática do balé clássico nas academias comumente se dá desde que as meninas são pequenas, as mães optam por colocar suas filhas nas aulas de balé, pois além de ser uma modalidade que carrega uma tradição e continua sendo popular com o passar dos anos, seu exercício traz muitos benefícios como o desenvolvimento das capacidades motoras, cognitivas e sociais. Segundo ACHCAR (1998), o ensino do balé tem como essência a estética corporal, a precisão na execução dos movimentos, flexibilidade, a tenacidade e a criatividade e imaginação. Através de suas atividades, o bailarino evolui sua concepção corporal, entendendo seus limites, reconhecendo onde pode haver uma superação aprimorando suas técnicas e repertório de movimentos, descobre novos espaços, formas e supera novos desafios.

O balé como um instrumento tão intenso de expressão humana vem sofrendo transformações ao longo dos anos, justamente pela necessidade de transpor emoções reais que nos seus primórdios, não encontrava espaço para isso. A dança dialoga com a realidade social, com as questões cotidianas e com imaginário do ser humano buscando tornar reflexivas suas práticas para o desenvolvimento de seus métodos e linguagens. A desconstrução das filosofias tradicionais dessa modalidade e a fusão com outros estilos de dança permitiram que essa modalidade alcançasse mais pessoa e espaços, como vemos sua popularização nos dias atuais.

Diante dessas considerações acredito que o balé clássico em toda a sua complexidade de técnicas, métodos e tradições seja uma grande ferramenta para além de contribuir com a

formação corporal, criar possibilidades de questionamentos e enfrentamentos que perpassam a sociedade, nesse caso a violência.

#### **4. VIOLÊNCIAS CONTRA A CRIANÇA**

O estágio de desenvolvimento infantil requer uma atenção e amparo maior, as crianças dessa faixa etária são apontadas como as principais vítimas em vulnerabilidade. Praticada na maioria dos casos em casa pelos pais, parentes, responsáveis, muitas vezes com objetivo de correção. Utilizam as próprias mãos ou objetos, armas brancas, provocando marcas físicas, psíquicas e afetivas. Os pais entendem que dessa maneira estarão educando os filhos, e se sentem no direito de usarem atos violentos como justificativa para tal. <sup>6</sup>

A ação violenta também pode ser compreendida a partir do contexto social, evidenciadas pelas diferenças e divisões das classes sociais, onde uma quer se sobrepor a outra e acaba utilizando da violência contra o sujeito em vulnerabilidade para beneficiar-se. Uma diferença que pode ser destacada é a de consumo, a classe mais privilegiada possui o poder de compra enquanto os mais pobres procuram formas para obter esse desejo. Há então uma exclusão sofrida por quem não pode comprar ou pagar para ter acesso a um produto ou um tipo de cultura, fazendo-os de alguma forma adequar-se as exigências do mercado, “levamos a hipótese que o consumo é uma forma de manifestação da violência simbólica representada nas diversas formas de exclusão, que, no entanto, opera com a sedução” (RODRIGUES, 2010, p.6).

Com base nesse entendimento, crianças, jovens e adultos, que apresentam esse perfil, se encontram nas comunidades periféricas e estão sob a ótica de uma sujeição criminal que os rotula como “bandidos”. MISSE (2011) aponta que:

“O rótulo de Bandido é de tal modo reificado no indivíduo que restam poucos espaços de negociar, manipular ou abandonar a identidade pública estigmatização. Assim o processo de sujeição criminal engloba processos de rotulação, estigmatização e

---

<sup>6</sup> <file:///C:/Users/Ju.Bar/Documents/violencia-contra-criancas-e-adolescentes-analise-de-cenarios-e-propostas-de-politicas-publicas-2.pdf> acesso em nov./2019 acesso em out/2019

tipificação numa única identidade social, especificamente ligada ao processo de incriminação e não como um caso particular de desvio (MISSE, 2010 p,23).”

Sendo assim, o sujeito que vive na periferia carrega um estigma de bandido, onde nas suas ações cotidianas serão vivenciadas suspeitas e discriminadas. Segundo GOUVEA (2015), exemplificando, quando se pensa na perspectiva de futuro de crianças e jovens é que eles não terão oportunidades de estudos, bons empregos. Sob o olhar de um jovem negro que com uma roupa simples entra num shopping ou em qualquer estabelecimento, todos já olham desconfiados de ser um possível assaltante. Uma menina que gosta de usar roupas curtas e passear com as amigas na rua, o estigma presente é o de puta, onde há sexualização da menina mulher e os olhares voltados para ela como objeto sexual. Ainda sob a perspectiva da autora, o território onde as pessoas se encontram marcam essa sujeição criminal, e delimitam regiões e comunidades tornando limitado seus espaços de convivência e gerando assim suas próprias regras comuns a comunidade, costumes e gírias, códigos e linguagens corporais

Toda essa temática está relacionada ao público acolhido no projeto FORDAN e a comunidade, São Pedro. Muitas das crianças do projeto presenciam violência todos os dias. Como forma de trazer à tona possíveis enfrentamentos e dialogar com vida cotidiana, a cultura se torna uma aliada importante para esses enfrentamentos.

## **5. PESQUISA DE CAMPO: A EXPERIÊNCIA NO PROJETO DE EXTENSÃO FORDAN: CULTURA NO ENFRENTAMENTO AS VIOLÊNCIAS**

### **5.1. Projeto Curso técnico de Dança**

Um novo projeto se deu no FORDAN pela necessidade de formação técnica para meninas que estavam mais avançadas nas aulas de dança, assim uma nova turma foi criada nas quintas-feiras no horário de 17h30min às 18h30min, ministrada por mim no período de um ano. As aulas tinham um aprofundamento do conhecimento da técnica da dança possibilitando vivências que aproximam ao cotidiano das alunas.

A turma era composta por adolescentes na faixa etária de 9 a 15 anos das turmas da manhã e tarde. As meninas saíam da escola e iam direto para o projeto, isso foi crucial para construir as problemáticas da violência, pois elas chegavam relatando acontecimentos presenciados no trajeto até o instituto. Começávamos as aulas com uma conversa, onde contavam experiências como brigas no horário da saída, assédios e preconceitos sofridos na escola, de modo que algumas soluções para os conflitos foram levantadas. Relatando uma dessas aulas, um certo dia as meninas chegaram na sala bem agitadas, começamos a aula com elas expondo uma situação que presenciaram nas proximidades. O caso era de assédio sexual em que um homem havia chamado a atenção de uma menina na rua e em seguida teria acariciado o órgão genital. Diante disso, todo planejamento da aula naquele dia teve de ser alterado, a demanda era discutir o ocorrido. Começamos um bate papo sobre os efeitos da violência contra adolescentes, discutimos se alguma delas já teria sido vítima de alguma violência, em quais espaços e por parte de quem. Relataram que todas já tinham sido vítimas, ou até hoje sofrem com algum tipo de violência, a maioria das vezes nas escolas, sendo ela verbal e física, por colegas de turma sendo que por parte das meninas se envolviam em brigas resultando tapas, chutes e puxões de cabelo e pelos meninos pelo assédio.

Após o ocorrido, com o apoio das assistentes sociais do projeto, os cuidados foram tomados para que as meninas fossem conscientizadas em o que fazer em casos de violência, quem procurar e o principal, manter o diálogo com a família.

O segundo momento das aulas era sempre um aquecimento e em seguida passado sequências de movimentos para aprimoramento da técnica.



(Registro da aula em que as alunas transformaram elementos do cotidiano em movimentos coreográficos.)

O conteúdo abordado foram os parâmetros técnicos da dança, compreendendo que abordar técnicas facilita a aprendizagem e a interação social elencamos alguns deles para serem desenvolvidos nas aulas: níveis (alto, baixo e médio); velocidade (rápido, lento, slow motion); giro; saltos; direções.

Experimentando esses fundamentos básicos foi possível explorar os movimentos, a maior parte das vezes em grupos e utilizar as ações do cotidiano para criar sequências de movimentos de acordo com o fundamento que estava sendo trabalhado.

Para encerrar o primeiro semestre, realizamos um espetáculo com todos os alunos na UFES – Campus Goiabeiras- ES, isso foi importante para levar as crianças à universidade e dar visibilidade a elas. A construção da coreografia foi elaborada a partir da música “Novo Olhar” da cantora Alessandra Crispin, que fala sobre um novo sobre o mundo, sobre a aceitação de si mesmo e o respeito aos outros.



(Apresentação da coreografia “Novo olhar”)

No segundo semestre o conteúdo abordado foi a base do balé clássico, onde foi aplicado as posições de pés e braços, deslocamento no espaço, saltos e giros. A partir dessa vivência as crianças montaram uma pequena coreografia para apresentar aos pais no



encerramento das atividades. Ao final do ano foi realizada uma avaliação de todo o trabalho durante o ano, onde as crianças levantaram pontos positivos e negativos das aulas, deram sugestões de conteúdo. Foi efetuada uma entrevista para analisar quais violências elas conhecem ou já sofreram.

## 5.2 Projeto “La fillé mal gardeé”

A turma em que esse projeto foi realizado foi a turma de balé clássico composto por crianças de 7 a 10 anos. As meninas já estavam desenvolvendo o balé com outra professora e para dar continuidade assumi a turma, partindo do princípio de que forma poderíamos abordar o ensino do balé e problematizar a violência com as crianças dessa idade.

O primeiro diagnóstico foi descobrir como as crianças se viam e se sentiam enquanto bailarinas. Nas primeiras atividades foi sugerido que fizessem um desenho que representasse o porquê dançar e que significado a dança tinha na vida delas. Numa roda de conversa, as crianças foram contando sobre os desenhos com relatos como, ter o sonho de serem bailarinas profissionais, se sentirem bem com a prática da dança e poder vivenciarem novas experiências.



(Diagnóstico da turma: desenhando o que elas estendem por dançar.)

Outro diagnóstico recorrente realizado pelos educadores do FORDAN é a roda de conversa onde perguntamos as crianças o que ela sabe sobre violência e se já presenciaram ou sofreram. As perguntas são bastantes diretas, como: “você sabe o que é violência?”, “já passou por isso na escola ou em casa?”, as respostas eram bem objetivas. Ressaltando uma pergunta em específico: quem apanha da mãe? Das quase vinte crianças presentes, só uma não levantou a mão, os relatos eram seguidos das crianças contando que apanhavam por motivo de desobediência, não cumprimento das tarefas domésticas e briga com os irmãos e as punições que sofriam eram castigos como castigos corporais com chinelos ou varas de arvores, ficar em casa, trancados no quarto, sem televisão e celular ou até mesmo sem ver os colegas. Em 2014 foi sancionada a lei da Palmada ou lei Menino Bernardo,

“Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, para estabelecer o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante; e altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.”<sup>7</sup>

Após esse diagnóstico, elaborar um plano de aulas com o conteúdo do balé clássico e que abordasse a temática da violência doméstica foi um tanto desafiador. A partir do interesse das crianças por assistir a vídeos das grandes bailarinas famosas, levei para sala de aula um vídeo do balé de repertório "La fillé mal gardeé".

O balé, com ano de estreia em 1789 conta a história de uma viúva chamada Simone que vive com a filha Lise em uma fazenda. Lise estava prometida para casar com Alain, um pretendente rico, mas era apaixonada por Colin um pobre jovem que vivia na aldeia. Lise era de uma personalidade bem marcante e gostava de sair com as amigas para fazer peripécias e se encontrar com o amado Colin. Quando sua mãe descobria o que ela fazia escondido, deixa Lise presa em casa e obrigava a menina a realizar os trabalhos domésticos. Ora ou outra as amigas de Lise iam até a casa dela, mas ela continuava lá

---

<sup>7</sup> <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/117968>, acesso em 26/11/2019

sem poder sair [...]. No final da estória, Lise dialogando com a mãe, acaba convencendo-a e se casa com Colin.

A parte do balé que nos chama a atenção é a relação que a menina “mal guardada” tem com a mãe. Após assistirmos a um trecho do vídeo onde a mãe e filha estão em casa e Lise sofre os abusos, debatemos se proceder daquela maneira era a mais correta e quais implicações a atitude da mãe ocorreriam no comportamento de da filha.

Nessa fase da infância, levando em consideração as meninas estarem quase chegando na adolescência, estabelecer um diálogo com a mãe é essencial nesse processo de descoberta de si, de transições, de enfrentamentos e facilitam a lidar com os fatores externos, como a escola, amigos, internet e etc.

A partir dessa discussão, em uma coreografia, fizemos uma remontagem utilizando os passos do balé desenvolvidos durante as aulas juntamente com a temática da menina em diálogo com a mãe. Ao final do semestre o espetáculo foi apresentado na UFES para a comunidade. Na apresentação, as mães presentes e demais convidados ouviram a explicação do processo coreográfico e compreenderam a partir das apresentações o recado que o projeto estava dando. Observamos que com o tempo as crianças diminuíram as queixas sobre as violências em casa. No entanto essa cultura leva tempo para ser repensada e não é questão apenas da periferia.



(Momentos antes da apresentação recebendo orientação da professora.)



(Releiturado balé de repertório “A filha mal guardada”)

### **5.3 Projeto “Os passos do balé clássico”**

Esse projeto tem como base três momentos históricos do balé clássico, o período inicial ou romântico, o período moderno em que passou pelas fusões com a dança contemporânea e a fase em que estamos hoje.

No ano de 2019, agora com mais procura de alunos para o balé, abrimos vagas para uma turma de baby class (crianças de 3 a 5 anos) totalizando a quantidade de duas turmas. A partir dessa proposta, o objetivo era desenvolver e aprimorar a técnica com a temática dos períodos históricos e elaborar uma coreografia para o espetáculo de encerramento que será apresentada no fim desse ano.

#### **Turma de Baby Class**

Essa turma desenvolveu o trabalho a partir do período inicial do balé, onde as coreografias de repertório estavam em seu auge, assim como o ideal de bailarina magras e alvas como as sílfides.

Para a montagem da coreografia, foi utilizada a música da Fada Açucarada do balé de repertório O Quebra Nozes (1892), que ilustra um ser da nobreza do mundo dos doces que encanta por sua delicadeza. Fazendo uma adaptação para a coreografia das alunas, a proposta estava em retratar bonecas de caixinhas de música, mantendo a tradição da modalidade, as crianças estariam com as roupas características do balé. Os movimentos foram pensados para que as pequenas bailarinas passassem leveza e delicadeza.

## **Turma Balé Infantil**

Esta turma ficou com o período moderno, onde o balé neoclássico foi ganhando forma a partir da dança contemporânea. Como proposta coreográfica foi trazido o debate da desconstrução da figura da bailarina, que deixa de seguir um estereótipo e passa a abranger todos os tipos de pessoas. Para a elaboração da coreografia conhecemos a história do balé e seus caminhos traçados, enfatizando a relevância de bailarinos negros, baixos, “fora de forma” que ganharam espaço e hoje vivem de dança nas companhias famosas de balé. A música utilizada foi a “Swan Lake” de Tchaikivsky, do balé de Lago dos Cines. Para a concepção dos movimentos as meninas utilizaram o seu próprio reflexo no espelho e transformaram o que viam em representação de dança. Achamos importante o figuro ser sem meia calça e com o cabelo solto, umas das mudanças características nessa nova fase.

## **Solo “Em mim”**

Para fechar as apresentações das turmas de balé, e representando essa fase atual em que a dança vem se constituindo, apresento um solo em que retrato como as mudanças ocorridas impactaram muitos bailarinos e bailarinas, crianças da periferia e dos projetos sociais, tendo a oportunidade de vivenciarem essa prática e sabendo quais recursos disponíveis para os que querem seguir a carreira. Essa dança foi inspirada também na minha história pessoal onde retrato a importância do bailarino negro em conquistar seu lugar.

## **6. CONCLUSÃO**

Concluimos que este trabalho foi fundamental para problematizar violências ocorridas no dia a dia das crianças da periferia, utilizando da técnica e dos conhecimentos do balé clássico para discutir que as noções de corpo, realidade social e econômica não são pressupostos para exclusão de um indivíduo, mas sim como essa arte fortalece e potencializa, isso foi possível através das aulas e concepções dos espetáculos de dança.

Alguns pontos dos planejamentos da pesquisa não foram possíveis ser realizados como a interação das crianças com outras escolas de dança, em festivais e espetáculos. Isso possibilitaria uma vivencia maior do mundo da dança como também a troca de experiencia entre os bailarinos.

Refletir como a dança pode mudar a realidade de um sujeito foi essencial para minha formação tanto como bailarina como quanto professora, isso me faz repensar minhas práticas para que novos conhecimentos e possibilidades sejam desenvolvidos como também ter a satisfação de ver meninas e meninas da periferia realizando sonhos como eu realizei os meus, me mantem forte para a continua luta de conquistas nosso espaço nessa dança que por tanto tempo foi segregada.

## 7. REFERÊNCIAS

ACHCAR, Dalal. **Balé uma arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998

AGUIAR, K. F. e ROCHA, M. L. **Práticas Universitárias e a Formação Sócio-política**. *Anuário do Laboratório de Subjetividade e Política*, nº 3/4,1997, pp. 87-102.

CAMINADA E. **História da dança: evolução cultural**. Rio de Janeiro: Sprint; 1999.

GINZBURG, C. (2003). **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras.

GOMES N. L. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** *Revista Brasileira de Educação*. Set/Out/Nov/Dez 2002 N° 21.

GOUVEA. P. M. **A contribuição da arte no fortalecimento do sujeito diante de estigmas do decreto do bandido**. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

MALANGA, E.B; BOTELHO, I.B. **A análise Laban do movimento aplicada ao ballet clássico**. *Arte Revista*, v.2, n.2, jun/dez 2013, p. 1-21.

MINAYO, M. C. S. e SOUZA, E. R. (1997/1998). **Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva**. *História, Ciência, Saúde*. Manginhos, IV (3): 513-531.

MISSE, Michel. **Crime e violência no Brasil contemporâneo. Estudos de sociologia do crime e da violência urbana**. Rio de Janeiro. Lúmen Juris.2011.

MOURA, KCF. **Essas bailarinas fantásticas e seus corpos maravilhosos: existe um corpo ideal para dança?** [dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação; 2001.

OSSANA, P. **A educação pela dança**. São Paulo: Summus, 1988.

PEREIRA, I. S. **De contos a depoimentos: memórias de escritoras negras brasileiras e moçambicanas**. 2018.140 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. p. 70-71.

SILVA, L. **CORPO EM DIÁSPORA: Colonialidade, pedagogia de dança e técnica Germaine Acogny**. Universidade Estadual De Campinas, São Paulo, 2017

SANTOS, M. **Sofrimento e prazer no trabalho artístico em dança**. 2010. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Medicina São Paulo.

ROCHA, M.L. *Do Tédio à Cronogênese: uma Abordagem Ético-estético-política da Prática Escolar*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. *Formação e Prática Docente: Implicações com a Pesquisa-Intervenção*. In: I.M. MACIEL (org.), *Psicologia e Educação: Novos Caminhos Para a Formação* Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2001, pp. 175-191.

RODRIGUES, Marcia Barros F. “Consumo e Violência: O fetiche no jogo de dominação da juventude”. *In Sociedade e Consumo. Múltiplas Dimensões na Contemporaneidade*. Pimenta, Solange Maria et. alli (Coords.). Curitiba. Juruá. 2010

TRAVI, M.T.F. **A dança da mente Pina Bausch e psicanálise**. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

## 8. ANEXOS

### **Novo Olhar**

Alessandra Crispin

O tempo vai levando a vida feito correnteza  
E todas as certezas poderão mudar  
Assim a gente aprende o fio da delicadeza  
E a enxergar o mundo com um novo olhar  
O tempo vai levando a vida feito correnteza  
E todas as certezas poderão mudar  
Assim a gente aprende o fio da delicadeza  
E a enxergar o mundo com um novo olhar  
É sobre um novo olhar  
Que hoje eu vim falar  
Maravilhoso aquele olhar  
É sim  
Entrou no meu caminho  
Janelas pra enxergar o mar  
De amor que você me deu  
Vi belezas que eu não via  
Com esses olhos meus  
Vi paz, justiça e esperança  
Acho que vi Deus  
Vi frutos, batalhas e flores  
As cores cintilando no sorriso seu  
Vi belezas que eu não via  
Com esses olhos meus  
Vi paz, justiça e esperança  
Acho que vi Deus  
Vi frutos, batalhas e flores  
As cores...